

O futebol, considerado o esporte mais popular do Brasil, infelizmente, tem sido palco de atos racistas – jogadores brasileiros são alvos reiterados desse crime. Isso acontece, sobretudo, por dois motivos: a tentativa de intimidação e, conseqüentemente, a desestabilização de jogadores, além do fato de as maiores estrelas do esporte serem pessoas pretas, o que fere o ego de jogadores brancos preconceituosos. Essa realidade revela que, apesar de o futebol unir pessoas de todas as origens, ainda há muito trabalho a ser feito para que a democracia racial saia do papel e possa ser posta em prática.

Nesse sentido, comentaristas esportivos e analistas comportamentais têm constatado que o racismo no futebol é tática de intimidação, que repercute diretamente do desempenho dos jogadores negros – isso acontece dentro e fora do campo, não só com a finalidade de interferir na atuação durante os jogos, como também na concentração que precede as partidas, o que, sem dúvida, é determinante para o rendimento dos jogadores. Aqui no Brasil, expoentes como Neymar, Daniel Alves, Hulk, Vinícius Jr. e Richarlison já foram vítimas de atos racistas em campo. Isso também desmascara a noção de democracia racial, uma vez que ela não se materializa em meio a comunidades, em completo descaso com os direitos humanitários.

Outrossim, é preciso trazer à tona o fato de que grande parte dos maiores talentos brasileiros virem do futebol de rua, das conhecidas “peladas”, e, mais tarde, são garimpados por times da primeira divisão. Esse movimento vai reverberar na ascensão social de esportistas, provindos de camadas periféricas. Exemplo disso é o já citado Vinícius Jr., cuja trajetória se deu do morro de São Gonçalo ao Real Madri, além do que é, atualmente, um dos jogadores mais bem avaliados. Desse modo, é inegável que a branquitude, que domina perfis dos mais diversos segmentos sociais, leva a cenas racistas inimagináveis – Vini Jr, em Madri, numa representação estúpida, já foi, inclusive, enforcado.

Portando, para vencer o racismo no futebol, é essencial que haja uma ação conjunta da Fifa (Federação Internacional de Futebol) e da Ifab (International Football Association Board), com a implementação de regramentos mais claros, específicos para comportamentos racistas. Tais regramentos devem ser feitos por meio de análises táticas e comportamentais minuciosas, com consultas aos materiais em arquivos audiovisuais, bem como com a oitiva de testemunhas dos crimes e de depoimentos de vítimas, com vista a não só recuperar-lhes a autoestima, como também erradicar de vez o racismo – isso feito, a bandeira da democracia racial em campo subirá ao pódio.

Por Gislaine Buosi